



*Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas*  
*Instituto de Filosofia, Artes e Cultura*  
*Universidade Federal de Ouro Preto*  
ISSN: 2596-0229

**A POÉTICA DO DEBOCHE CONTRA A MÁQUINA DE  
DESINFORMAÇÃO DA EXTREMA DIREITA  
EM PLATAFORMAS DIGITAIS**

THE POETICS OF MOCKERY AGAINST THE FAR-RIGHT  
DISINFORMATION MACHINE IN DIGITAL PLATFORMS

Luciana Mizutani

 <https://orcid.org/0000-0002-8936-5780>

 [doi.org/10.70446/ephemera.v8i15.7713](https://doi.org/10.70446/ephemera.v8i15.7713)

## A poética do deboche contra a máquina de desinformação da extrema direita em plataformas digitais

**Resumo:** Este artigo se debruça sobre os ataques das extremas direitas a um dos fundamentos da democracia: o conceito de verdade. A análise detalha o funcionamento da máquina de desinformação global operada por esses grupos e propõe estratégias para enfrentá-la. Identificando a desinformação como um fator central na radicalização do eleitorado — uma força que dissolve a realidade compartilhada e que cria uma episteme apartada de outros setores da sociedade — o texto sugere princípios artísticos para montar táticas que explorem as vulnerabilidades dessa máquina. A arte digital é destacada como uma ferramenta estratégica contra a extrema direita, exemplificada pela experiência da própria artista que, nas eleições brasileiras de 2022, utilizou humor e entretenimento nas redes digitais como forma de militância. O trabalho inicial, voltado ao ‘vira-voto’, consistiu em cenas compostas de materiais de campos heterogêneos que reorganizavam poeticamente as notícias sob uma ótica alternativa à da grande mídia. A partir dessa prática, emergiu uma estratégia para desafiar as epistemes de extrema direita, incentivando um debate político que transcende a racionalidade *stricto sensu*. O artigo percebe a ação digital como vital para amplificar movimentos sociais e desconstruir a radicalização, promovendo um ambiente de informação equilibrado e contribuindo para um mundo mais inclusivo e compartilhado.

**Palavras-chave:** desinformação; extrema direita; militância digital; plataformas digitais; cena digital.

### The poetics of mockery against the far-right disinformation machine in digital platforms

**Abstract:** This article examines the attacks by far-right movements on one of democracy’s core principles: the concept of truth. The analysis details the workings of the global disinformation machine operated by these groups and proposes strategies to tackle it. Identifying disinformation as a central factor in the radicalization of the electorate—a force that dissolves shared reality and creates an episteme detached from other sectors of society —, the text suggests artistic principles to set up tactics that explore the vulnerabilities of this machine. Digital art is highlighted as a strategic tool against the far right, exemplified by the experience of the artist herself who, in the 2022 Brazilian elections, used humor and entertainment on digital media as a form of militancy. The initial work, aimed at “vote-shifting,” consisted of scenes composed of materials from heterogeneous fields that poetically reorganized the news from an alternative perspective to that of the mainstream media. This practice became a strategy to challenge the epistemes of the far right, encouraging a political debate that transcends *stricto sensu* rationality. The article perceives digital action as vital to amplify social movements and deconstruct radicalization, promoting a balanced information environment and contributing to a more inclusive and shared world.

**Keywords:** disinformation; far-right politics; digital activism; digital platforms; digital scene.



## 1 Introdução ou a escolha de batalhas

Nas artes marciais, a efetividade de uma técnica ou ação varia de acordo com os contextos em que são aplicados, como a extensão e disposição do campo de batalha, recursos disponíveis - como aliados e armas - e a capacidade de agenciar esses recursos dentro do tempo específico em que se desenrola a luta. Compreender a interconexão entre os elementos dentro do quadro geral permite desenvolver estratégias que busquem contextos favoráveis, tenha-se critérios para escolher frentes de batalha e firmar acordos de cooperação. Ao considerar o enfrentamento da atual onda global de extrema direita como uma batalha, enquanto integrantes dos grupos da resistência, dependemos de mapeamentos para orientar nossas atuações em múltiplas frentes na defesa de princípios democráticos.

Jason Stanley<sup>1</sup> associa a democracia a três conceitos fundamentais: instituições, voto e verdade (Stanley; Iamarino, 2020). Esses conceitos são interdependentes: as instituições asseguram direitos como o voto e regulam a mídia, enquanto os principais cargos institucionais relacionados à política tendem a ser ocupados por meio de eleições; por sua vez, a noção de verdade orienta a opinião pública e influencia decisões em nível individual, institucional e estrutural, sendo base para o funcionamento dos pactos e organizações sociais.

As extremas direitas - incluindo o populismo de extrema direita, o neofascismo, o neonazismo e o anarcocapitalismo - atacam esses pilares democráticos sistematicamente enfraquecendo-os. Este artigo foca em um dos tipos de ataques promovidos por esses grupos: a disseminação de *fake news*, que corrói a realidade factual compartilhada, inviabilizando o diálogo e minando as *praxis* coletivas de cidadania. A cartografia tanto da estrutura da desinformação quanto das ações de combate revela linhas fundamentais que demandam ocupação estratégica. A análise mais detalhada indica, ainda, que nos processos individuais de radicalização emerge uma episteme desconectada da razão e dos fatos, ancorada sobretudo no desejo, na vontade e na fé pessoais. Diante disso, propomos uma intervenção no campo da experiência, empregando meios artísticos. Essa abordagem culmina em uma cena-militância digital antifascista, constituindo uma das diversas linhas de fuga necessárias para enfrentar a desinformação. Este artigo, portanto, mapeia a máquina de desinformação, de onde emergem pistas para a criação de uma cena de resistência digital, com o objetivo de fortalecer essa linha de frente no combate à extrema direita.

---

1 Jason Stanley é professor de Filosofia na Universidade de Yale, com publicações em filosofia política. Seu trabalho destaca-se pela análise dos mecanismos de propaganda e retórica autoritária, bem como pela investigação dos pilares estruturais da democracia. Entre suas principais obras estão “Como funciona o fascismo: a política do ‘nós’ e ‘eles’” (2018) no qual examina como são instrumentalizadas divisões sociais para enfraquecer instituições democráticas.



## 2 O território ou máquina da desinformação

Na era da informação digital, as formas de produção e difusão de conteúdo estão sendo reconfiguradas, em uma hibridização entre os portais de notícias, as redes digitais e os modelos tradicionais da grande mídia. A quantidade de informações tornou-se massiva, contudo, em vez de uma ‘seleção natural’ que privilegia conteúdos factuais e confiáveis, observamos a amplificação e a disseminação de informações falsas, que se propagam com facilidade.

A avalanche de desinformação da qual estamos tratando não é o simples resultado de ignorância, lacuna educacional ou desinteresse pelo noticiário e pela política. Hoje, a desinformação dificilmente ocorre de forma isolada ou esporádica, pois trata-se do resultado de uma estrutura profissional que opera sistematicamente. No Brasil, durante o governo Bolsonaro, havia um gabinete formal, do qual sobrevivem estratégias que operam ainda hoje, que ficou conhecido como ‘Gabinete do ódio’ dentro da CPMI das *fake news*<sup>2</sup>. Esse gabinete era financiado com recursos públicos, empregava profissionais para produzir e impulsionar conteúdos de desinformação em múltiplas plataformas em formatos textuais, visuais e audiovisuais, utilizando *bots* - robôs que simulam interações como se fossem usuários reais - e outras técnicas de comunicação digital para maximizar a sua influência. A eficácia dessa estrutura permitiu que a extrema direita pautasse e dominasse o debate público, desviando o foco de assuntos desfavoráveis e promovendo suas ‘conquistas’. Esse aparato, estruturado em moldes publicitários, revela a sofisticação e organização por trás da desinformação, tornando ingênuo imaginar seu combate sem uma estratégia igualmente robusta.

Compreender a complexidade e a totalidade da máquina de desinformação é um desafio, particularmente por sua estrutura simular as pautas da extrema direita como um movimento orgânico tanto no espaço digital quanto nas ruas. Além disso, sua eficácia em ocultar o caráter orquestrado de suas operações decorre de sua apropriação de insatisfações reais da população, como a precarização do trabalho, a falta de propósito dado o contexto social e a impossibilidade de alcançar vidas dignas. O cenário necropolítico<sup>3</sup> — em que o excedente para a produção, incluindo pessoas, é descartado —, ao ser combinado a uma perspectiva meritocrática, agrava a precarização e a insatisfação generalizada, uma vez que esforços individuais extremos não levam à aquisição dos almejados bens de *status* simbólico que esse tipo de dedicação deveria, segundo essa visão de mundo, proporcionar (Souza, 2018).

Esse sistema de desinformação instrumentaliza frustrações e, ao invés de buscar explicações nas dinâmicas sistêmicas e na desigualdade social, canaliza o descontentamento para minorias e grupos vulneráveis, como imigrantes, pessoas negras, LGBTQIAPN+, mulheres, idosos, pessoas

---

2 Iniciada em 2019, essa Comissão Parlamentar Mista de Inquérito foi formada para investigar a rede de produção e compartilhamento de notícias falsas e de ódio nas redes digitais.

3 Adotamos aqui o conceito de Achille Mbembe em seu livro “Necropolítica” (2018).



com deficiência e comunidades indígenas. A narrativa construída posiciona esses grupos como “culpados” por privar o “eu merecedor” do que lhe é de direito<sup>4</sup>. Trata-se de uma inversão radical de perspectivas, onde a opressão e a violência vividas por esses grupos minorizados são ressignificadas dentro da extrema direita como um tipo de ‘justiça’.

Alinhamentos políticos, em todas as suas vertentes — partidária ou não, micro ou macro — se sustentam em diferentes percepções de justiça. Por exemplo, o sistema de cotas se baseia em uma percepção de justiça que é histórica, reconhecendo as desigualdades raciais e de gênero como construções sociais e históricas. Em contraste, o liberalismo clássico rejeita as cotas, considerando-as injustas sob uma percepção de justiça baseada no mérito. O neofascismo, por sua vez, apenas se alinha ao liberalismo clássico quando as decisões institucionais validam sua visão de mundo; quando as decisões vão contra essa visão, surgem sinais de ruptura com as instituições, com a alegação de que o sistema é corrupto e falho. O rompimento institucional abre as portas para práticas de ‘justiçamento’, que são percebidas pelos radicais como uma ‘justiça legítima’. Exemplos como a tentativa de golpe de Estado em 8 de janeiro de 2023 no Brasil ilustram como esse processo de inversão leva à ação direta, marcada por uma tentativa de impor uma ‘justiça’ que se iniciaria com a destruição das instituições.

Na estética realista teatral, quando a visão de mundo de quem performa se revela na atuação e entra em conflito com a da personagem, diretores costumam orientar atores e atrizes a ‘defender’ suas personagens. Afinal, a manutenção da ilusão ficcional demanda que a atuação seja fiel à perspectiva das personagens. Esse processo reflete uma característica psicológica: como protagonistas de nossas próprias histórias, raramente consideramo-nos injustos e, em geral, encontramos justificativas para nossas ações. A história que contamos fundamenta decisões, visões de mundo e desejos. Por isso, a qualidade da informação que temos é crucial, pois ela embasa a história que contamos e ela pode virar a ‘justificativa’ para quebrar pactos sociais e, em casos mais graves, para a barbárie como linchamento, ruptura democrática, tortura e genocídio.

É aqui.

O ponto onde o terreno comum se torna caminhos que divergem. Quando se forma a fronteira que tantas vezes parece intransponível. É neste ponto que emerge uma força motriz para a radicalização: na manipulação da percepção de justiça.

A desinformação, portanto, deve ser compreendida como um meio e não como um fim em si mesma. Assim como a espetacularização da política, a desinformação é uma estratégia de cooptação de adeptos para a extrema direita, para obter votos, engajamento e influência. Ou seja, a extrema direita emprega a desinformação visando a concretização de seu projeto de poder. Nesse sentido, a desinformação funciona de maneira análoga à publicidade, agindo como uma propaganda para agentes e pautas políticas sem que se informe sobre a natureza publicitária.

---

<sup>4</sup> Essa dinâmica no contexto do fascismo é detalhadamente analisada por Jason Stanley em “Como Funciona o Fascismo: a Política do ‘nós’ e ‘eles’” (2018).



Na reconfiguração digital da mídia, a visibilidade de candidatos está atrelada às plataformas *online*. Embora conhecidas como ‘redes sociais’, a antiga natureza de interação horizontalizada entre conhecidos ou entusiastas de determinados temas foi perdendo espaço à medida que as plataformas passaram a priorizar a veiculação de publicidade e o comércio *online*. Com isso as plataformas assumiram seu caráter de empresas publicitárias que, para lucrar, otimizam a retenção de usuários. Essa relação entre a retenção e a publicidade é a base do chamado mercado da atenção, que é feita com conteúdos customizados para cada usuário e pela exploração de sentimentos extremos que geram engajamento, como sentimentos de inadequação, medo, raiva e indignação. Essa arquitetura faz das redes digitais o *habitat* ideal para o florescimento da máquina de desinformação da extrema direita que se alimenta desses sentimentos.

Giuliano da Empoli<sup>5</sup>, em seu livro “Os Engenheiros do Caos” (2020), descreve o desenvolvimento dessas máquinas de desinformação digitais e como elas se tornaram um método que está sendo exportado entre as extremas direitas internacionalmente. O autor identifica o início desse modelo atual com Matteo Salvini na Itália, onde sua equipe interagia com pseudônimos em sites e *blogs*, simulando a participação de usuários comuns. Posteriormente, nos Estados Unidos com Donald Trump e com consultoria de Steve Bannon e da empresa *Cambridge Analytica*, a análise massiva de informações, ou *big data*, conjuntamente com a utilização de algoritmos nas plataformas digitais, permitiu identificar indivíduos suscetíveis à radicalização, facilitando a entrega de materiais extremistas. O ditado ‘quando você não paga pelo produto, o produto é você’ torna-se especialmente cruel nesse contexto, pois a personalização algorítmica possibilitou a eficiente manipulação de pessoas. Tornou-se possível ‘produzir’ um eleitorado ‘customizado’ para esses agentes políticos radicais. No Brasil com Bolsonaro, a máquina atuou fortemente em aplicativos de mensagens em celulares, o que dificulta ainda mais o rastreamento da origem dos materiais. Nesse caso, o conteúdo compartilhado se desvincula de uma fonte visível, exigindo alguma *expertise* técnica para identificar e rastrear a origem da informação.

Pensando nas motivações políticas e na arquitetura da disseminação de desinformação, surgem as questões: como podemos enfrentá-la e promover um diálogo eficaz com quem é alvo da máquina de radicalização? Quais seriam os materiais e estratégias para essa tarefa? Quais as contribuições do campo da arte nesse cenário? Ou, quais seriam as linhas de fuga?

---

5 Giuliano da Empoli é escritor ítalo-suíço, autor de “Os Engenheiros do Caos” (2020), obra em que explora as estratégias de manipulação da opinião pública por meio da tecnologia e redes sociais. Ele examina o papel de populistas e especialistas em comunicação na radicalização e polarização política contemporânea, especialmente no contexto das extremas direitas na Europa e nos Estados Unidos.



### **3 Ações em curso ou fugitivos na estrada**

A resposta inicial e intuitiva para lidar com desinformação é promover a circulação de informação, documentação, restaurações simbólicas baseadas em verdades factuais. Por essa razão, vimos após 2018 o aumento de iniciativas de documentação histórica, portais de notícia independentes, agências de checagem; judicialização de crimes de injúria e difamação; campanhas de conscientização e educação midiática; pesquisas acadêmicas que visam mapear as estruturas e conceituar as reconfigurações do contexto frente a atual onda de extrema direita, bem como propor saídas delas.

Ao pensar nessas múltiplas frentes, destacamos como de alta prioridade a implementação de uma legislação voltada à regulação do conteúdo digital. Como já foi discutido, não se pode esperar uma postura ética voltada para o bem-estar social por parte de plataformas, cuja dinâmica é estruturada em torno do lucro por meio do mercado da atenção. Uma legislação traz a responsabilidade para além da responsabilidade individual ou de coletivos da sociedade e reflete o reconhecimento da desinformação como uma questão cidadã, que exige uma resposta institucionalizada e pautada nos acordos sociais vigentes. Movimentações políticas foram feitas nesse sentido, como no PL das redes sociais - que previa transparência das plataformas digitais - mas até o momento da escrita deste artigo, nenhuma logrou sucesso em votações legislativas. Vale lembrar que o trabalho no campo político se interconecta com as iniciativas individuais e coletivas citadas anteriormente, pois elas criam massa para mover a opinião pública em direção ao pacto social.

Olhando para a questão por outro viés, quem fez o exercício da militância política no Brasil desde 2018 revela que esses esforços baseados em verdades factuais não são infalíveis. Muitos foram os relatos de experiências frustrantes em que, apesar da apresentação de evidências e pacientes conversas expondo incongruências, algumas pessoas se mantinham inflexíveis, agarradas a crenças que não tinham aporte na realidade factual - desde teorias de que existem projetos de lei para criar 'banheiros unissex nas escolas' até a utilização de vacinas para implantação de *chips* em seres humanos.

A verdade factual é eficaz em muitos contextos e serve como base para iniciativas como as citadas anteriormente. Assim, não pretendo invalidar aproximações que visem o fomento de informações corretas. Defendo apenas frentes que adotem estratégias que buscam agir fora do campo racional estrito. Explico: o diálogo com um público bombardeado por desinformação e teorias conspiratórias exige uma comunicação que transcende a racionalidade verbal. À medida que a desinformação se aprofunda, passa a ocorrer um rompimento no sentido coletivo da realidade, de forma que até as teorias mais absurdas passam a fazer sentido para aqueles imersos na narrativa conspiratória, tornando o diálogo ineficaz.

Diante de uma *fake news* isolada, por mais trabalhoso que seja desmenti-la, é possível reparar a realidade e restaurar um sentido consensual da verdade. No entanto, quando nos



deparamos com o efeito cumulativo de um bombardeio contínuo de informações falsas, essa reparação torna-se impraticável. A multiplicidade e intensidade das mentiras fragmentam de tal forma o tecido da realidade comum que ele deixa de existir. Os parâmetros ou o fundamento comum desaparecem junto com a realidade e a comunicação perde sua eficácia, pois os significados compartilhados, ou seja, as referências semânticas e conceituais, deixam de convergir, e se tornam línguas distintas.

A máquina de desinformação, portanto, constrói uma ‘episteme’ alternativa, uma nova forma de ver e compreender o mundo que é, em muitos aspectos, fechada e autorreferencial. Nas extremas direitas, as estruturas de visão de mundo tendem a ser rígidas, com fronteiras de pertencimento claramente demarcadas e sustentadas por uma dicotomia moral. Embora haja variações entre as epistemes de extrema direita - com ênfases específicas em religião, economia, preconceito racial, entre outras - é possível observar uma grande sobreposição de valores entre elas. Por isso, adoto aqui uma simplificação ao tratá-las de forma análoga, especialmente nesse estudo que trata do uso instrumental que elas fazem da desinformação. Em cada um desses grupos, existe uma intensa distinção entre os considerados ‘merecedores’ e vítimas de usurpação e aqueles classificados como ‘não merecedores’, acusados de usurparem indevidamente direitos (Stanley, 2018). Cada grupo oferece, para aqueles que se integram a ele, não apenas um senso de identidade e pertencimento, mas também um propósito de existência em sua ‘luta contra o grande mal’, representado por quem diverge dessa visão de mundo. Essa combinação de propósito, pertencimento e a visão maniqueísta sobre os de fora do grupo dificulta intensamente a saída de epistemes radicalizadas.

O canal multiplataformas digitais Meteoro Brasil<sup>6</sup>, fundado por Álvaro Borba e Ana Lesnovski, em seu livro “Tudo o que você precisou desaprender para virar um idiota” (2019), discute como as *fake news* por vezes se amalgamam em um conjunto se tornando uma teoria da conspiração. Com o rompimento do tecido da realidade objetiva, as teorias conspiratórias passam a pertencer, segundo os autores, ao campo da fé - uma crença inabalável situada fora do domínio da razão. Argumentos racionais se tornam insuficientes, mesmo diante de provas, pois quem crê cria sucessivas justificativas para proteger a crença que dá sentido à sua existência.

Diante desse cenário, a questão que surge é: como responder a isso? Há alternativas para lidar com a fé que é produto de uma manipulação? A jornalista Jenny Senko oferece uma perspectiva instrutiva em seu documentário *The Brainwashing of My Dad* (2015), no qual explora o processo de radicalização de seu próprio pai sob a influência de canais de desinformação. Senko relata que sua mãe implementou um ‘ambiente de desintoxicação’ semelhante a uma reabilitação de drogas. Para tanto, ela bloqueou canais de televisão como a Fox News, conhecido por veicular desinformação e teorias conspiratórias nos Estados Unidos; e desinscreveu o *email* dele das malas diretas da extrema

---

<sup>6</sup> Meteoro Brasil é um canal que aborda temas de cultura, ciência, política e sociedade. O canal é conhecido por seu conteúdo informativo acessível e análises aprofundadas sobre assuntos da atualidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/@Meteorobrasil>. Acesso em: 12 nov. 2024.



direita, substituindo-as por fontes moderadas e de jornalismo e política. Ou seja, ela fez um processo de des-imersão de *fake news* de extrema direita e imersão em um campo mais moderado.

Esse processo de des-imersão evidencia que, ao afastar o indivíduo do ambiente de desinformação e inseri-lo em um campo mais moderado e racional, é possível reverter, ao menos parcialmente, os efeitos da radicalização. Senko demonstra que, ao contrário de uma abordagem meramente argumentativa, a criação de um ambiente de informação mediada pode fornecer uma alternativa eficaz para lidar com a adesão a grupos radicalizados. Essa perspectiva oferece uma possível via de reconstrução de laços com a realidade compartilhada, promovendo a reabertura de canais de diálogo e reconexão com fontes de informação confiáveis.

Uma imersão envolve inserir um indivíduo em um ambiente culturalmente distinto, estimulando múltiplos sentidos e promovendo participação ativa em diversas práticas culturais. Não se trata apenas de envolver-se com elementos específicos, mas de explorar uma nova realidade com variados atravessamentos que vão além da superfície, atingindo, dessa forma, o campo da vivência, da experiência. Se considerarmos a desinformação como geradora de uma episteme - uma visão de mundo em que as pessoas foram imersas como parte de um projeto de poder — a ‘des-imersão’ dessa visão deve ocorrer em múltiplas frentes, estimulando diferentes sentidos e propondo práticas alternativas que rompam com essa visão.

A militância política e social frequentemente atua, de forma consciente ou intuitiva, com amplas abordagens, onde cada campo constrói suas próprias vias de resistência. O panorama apresentado até o momento busca fomentar uma reflexão consciente sobre o ambiente criado pelas máquinas de desinformação, visando à organização de planos de fuga coletivos de maneira, espere-se, mais eficaz.

Diante desse contexto, essa se revela como uma frente da militância que pode ser reivindicada pelas artes, por sua capacidade de organizar multiplicidades – até mesmo as contraditórias – em forma de experiência (Melendi, 2017). As artes oferecem, ainda, uma contribuição valiosa sustentadas por um extenso histórico de estudos e pesquisas sobre a composição de obras que estimulam sentidos, provocam sentimentos, ou onde a comunicação verbal não se impõe hierarquicamente sobre o conteúdo. Essa característica é particularmente valiosa para a militância, pois são perspectivas capazes de contornar os subterfúgios utilizados para ignorar verdades factuais, contidas nas epistemes de fé da extrema direita.

#### **4 Uma experiência antifascista ou uma poética do deboche**

A experiência cênica que abordaremos a seguir, embora fundamentada em fatos e notícias verificadas, não tinha foco informativo, seu objetivo principal era servir como uma estratégia para virar votos para a esquerda nas eleições brasileiras de 2022. Esse período foi marcado pela pandemia de COVID-19, pelo desmonte das instituições públicas e do suporte social, e pela ascensão do



neofascismo, em que a desintegração da realidade parecia nos colocar em um ‘liquidificador’ em pleno funcionamento, onde éramos ‘batidos’ pelo turbilhão de notícias, *fake news*, iniciativas de restauração da verdade e pelas ações do desgoverno Bolsonaro.

Alguns desafios se apresentavam: primeiro, a ação de militância presencial envolvia riscos de contaminação, o que me levou, como artista da cena e da presença, a migrar para as redes digitais. Segundo, era necessário cativar o público – tanto aqueles cujo voto eu pretendia virar quanto os já exaustos com tanta barbárie, cuja indignação se encontrava fatigada. Esses últimos, no melhor cenário possível, poderiam expandir o movimento de virar votos, aderindo ou retornando às trincheiras da militância. Além disso, ao olhar para a questão pelo campo das artes, com a realidade coletiva se desfazendo sob os ataques da máquina de desinformação, tornavam-se necessários novos formatos, estéticas e poéticas. Assim, quais elementos deveriam estar presentes para dialogar não apenas com as pessoas, mas com esse contexto – pandêmico, de desintegração da realidade, de ascensão neofascista, de desgoverno Bolsonaro e de redes digitais? Desenvolver uma linguagem cênica coerente com essa realidade tornou-se, então, uma das minhas principais inquietações artísticas.

Eu não queria explorar sentimentos extremos como faz a extrema direita nas plataformas *online*, contudo, quais outros tipos de conteúdo poderiam gerar engajamento e ser minimamente distribuídos ao adentrar o território do mercado da atenção? Assuntos políticos no espectro da esquerda ‘puros’ tendem a ter baixa distribuição e, conseqüentemente, pouca visibilidade. Por isso, é comum que alguns canais relevantes progressistas agreguem outros nichos, como foi o ‘Tempero Drag’<sup>7</sup> com culinária, ‘Meteoro Brasil’ com cultura pop, entre outros. Alguns assuntos que tendem a ser incentivados – provavelmente pelo seu potencial comercial – incluem culinária, entretenimento, beleza, saúde, turismo, tutoriais, cultura pop ou tópicos ligados a eventos recentes, como notícias, *shows* e lançamentos. Como ainda estávamos em meio à pandemia e muitos desses temas ou não eram minha especialidade ou me pareciam pouco adequados ao contexto, decidi explorar o potencial do entretenimento como minha principal ferramenta de engajamento.

Para atingir esse intuito, optei por uma abordagem leve, evitando tons acusatórios recheados de rancor e buscando um tom humorístico. Essa estratégia tinha como objetivo contrabalançar a atmosfera opressiva que havia se tornado o noticiário tanto na grande mídia quanto nos portais independentes. Além disso, para dialogar com um público de ‘não convertidos’ e romper as bolhas informativas, a plataforma que parecia melhor alinhar-se com a conjuntura de fatores foi o *TikTok*, com sua dinâmica acelerada e jovem.

Em meu processo de composição cênica, adotei o princípio de combinar pelo menos duas matérias-primas de contextos distintos que se relacionassem com as notícias do momento. Essa abordagem permitiu um novo olhar sobre as notícias aterrorizantes, utilizando a estética cênica

---

<sup>7</sup> Tempero Drag é um canal apresentado por Rita Von Hunty - *drag* de Guilherme Terreri Pereira. O canal aborda temas de política, marxismo, filosofia, história e cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/@Temperodrag>. Acesso em: 12 nov. 2024.



como um filtro, que buscava comunicar os fatos com a gravidade, mas sem intensificar o horror do conteúdo também na poética da cena. A intenção era afastar-se da vivência traumática dos acontecimentos, observando-os a partir de outras perspectivas e sentimentos.

Um exemplo onde foi particularmente complexo manter algum grau de leveza, sem cair em tons acusatórios, foi quando os casos de violência política se agravaram durante as eleições. Cerca de uma semana após o assassinato do Marcelo Arruda, tesoureiro do Partido dos Trabalhadores (PT), em sua festa de aniversário, não encontrei uma forma de abordar a questão diretamente. Por isso, optei por construir uma cena com uma funcionária do inferno que acreditava haver um *bug* no sistema, devido a um tal de Jair que estava pecando demais. Na cena, muitas camadas se sobrepõem: o burocrático trabalho de uma funcionária de baixo escalão de uma grande empresa; os desafios cotidianos com a tecnologia; o imaginário do inferno, que ganhou força com a expansão das igrejas evangélicas; e o noticiário de violência política traduzido como ‘pecado’ como um contexto de pano de fundo.

A escolha da perspectiva de uma personagem que não está no centro da ação assemelha-se ao *Mistero Buffo*, de Dario Fo - bufão e dramaturgo italiano. Em suas dramaturgias, Fo frequentemente traz a perspectiva de uma pessoa do povo para contar histórias conhecidas da Bíblia. Por exemplo, na passagem das Bodas de Caná - conhecida como o primeiro milagre de Jesus ou ‘o milagre do vinho’ - a história é contada por um bêbado que estava presente na festa. Já a ascensão de Jesus ao Calvário, carregando a cruz, é contada por um cego e um aleijado que vivem da caridade alheia (MISTERO [...], 1977).

Outro exemplo se deu durante a controvérsia em que o Pastor André Valadão pediu desculpas pelo uso de uma música não religiosa em um evento religioso e o Brasil Paralelo teve suas redes sociais suspensas pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Para abordar esse momento, produzi um vídeo (imagem 1) com duas camadas de interpretação. A primeira camada consistia em uma sátira aos pedidos de desculpas frequentemente feitos após situações embaraçosas, em que as figuras públicas tentam minimizar as repercussões de suas ações. Na segunda camada, utilizei discursos anteriores ao cancelamento, ou com menos filtros sociais, preservando a autenticidade de suas visões de mundo ‘originais’.



Imagem 1 - QR code para o vídeo no *TikTok*



Fonte: Mizutani, 2022a

Durante a campanha eleitoral, os vídeos mesclaram estilos e conteúdos diversos. Houve simpatias de enriquecimento durante o escândalo dos 107 imóveis comprados com dinheiro vivo pelo clã Bolsonaro; um ASMR<sup>8</sup> de esquerda; e uma paródia onde Galvão Bueno e Casagrande comentaram o “jogo democrático” após o 1º turno das eleições em analogia ao 1º tempo da partida de futebol.

Não é possível obter parâmetros precisos para compreender a fruição de espectadores em relação à produção, afinal não existem leis que obriguem as plataformas a serem transparentes com os dados que armazenam ou como se estruturam os algoritmos, por isso, minha percepção precisou se basear em: conversas com colegas artistas da militância; nas mensagens no *chat* e mensagens privadas nas plataformas; e na intuição de tendências algorítmicas com apoio nos números de visualizações e compartilhamentos. Essa conjuntura aponta para a leitura de que o humor debochado e a poética, que propôs diálogos não ortodoxos entre forma e conteúdo, se tornaram atrativas por ser uma válvula de escape, ou seja, uma fuga do horror para aqueles que acompanhavam as produções. Adicionalmente, os vídeos se tornaram um caminho para quebrar a prostração que tantas vezes parecia irrevogável em relação ao contexto social, tanto para mim quanto para espectadores, pois tornava tangível uma nova forma de militância. O deboche contra à barbárie despontava-se como um caminho para fugir do tom de indignação cansada que se tornou comum nas redes digitais causada pelas enxurradas de notícias aterradoras que pautavam os noticiários diariamente. Por ‘vibrar’ em um outro registro, surgiram pessoas de espectros políticos diferenciados e outras que voltaram para as trincheiras depois de se afastarem da política e das notícias por sanidade mental. O chamamento para a militância foi feito e as interações na trincheira desenharam nessa cena de militância digital.

Cada conteúdo gerava reflexões, na autocrítica artística frente às críticas de colegas artistas, no *feedback* de colegas da militância ou nos comentários dentro das plataformas. Embora cada vídeo

---

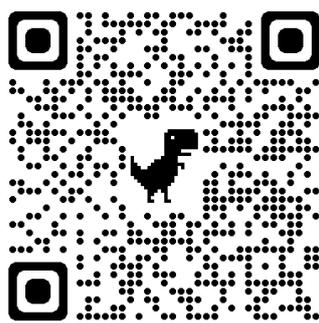
8 “Autonomous Sensory Meridian Response” (tradução: Resposta Sensorial Meridiana Autônoma), refere-se a uma sensação agradável de formigamento que algumas pessoas sentem ao ouvir determinados sons suaves ou ao observar certos movimentos. Esse fenômeno é muito popular em plataformas de vídeo, onde criadores produzem conteúdos específicos para promover a sensação de ASMR, com o objetivo de ajudar as pessoas a relaxar, reduzir a ansiedade ou adormecer.

fosse pensado dentro do recorte temporal do momento, o exercício reflexivo e o diálogo com pares e público começaram a desenhar um todo do trabalho. Foi então que percebi a obra como uma totalidade constituída por esses múltiplos e breves conteúdos, como se fosse uma tirinha dentro da totalidade da obra de um cartunista. Por isso, inspirada no teatro de revista, que encenava e comentava os acontecimentos de suas sociedades, passei a pensar nesse modelo de cena como um teatro virtual de tirinhas.

O exercício reflexivo sobre a obra fez com que esses vários formatos começassem a criar unidade e que fossem se amalgamando e se transformando. Em vez de as diferentes camadas de material atravessarem na cena de maneira linear, a colagem de materiais tornou-se mais fragmentada, rápida e polifônica. As múltiplas personagens que surgiram nas produções começaram a se fundir em uma única persona, algo entre um corpo performativo e eu própria. A hibridização de materiais para cada conteúdo passou a ser uma característica marcante da produção, o que resultou em uma poética própria de deboche político.

Um exemplo dessa abordagem pode ser conferido no seguinte vídeo:

Imagem 2 - QR code para o vídeo no *TikTok*



Fonte: Luciana Mizutani, 2022b

Essa cena virtual, pela multiplicidade de camadas, polifonia de materiais e busca por provocar sensações que transcendem lógicas verbais, se configura como uma micro proposta de experiência antifascista, organizada por uma poética de deboche.

As ações artísticas aqui descritas visaram catalisar uma resposta contra a ascensão do neofascismo, onde a arte contribui estrategicamente para a resistência no contexto de desinformação e polarização. Essa aproximação está em consonância com o pensamento de Ruud Koopmans (2004)<sup>9</sup>, que nos relata que, no cenário atual, as mudanças políticas não são mais determinadas apenas pelo confronto direto e presencial entre os movimentos sociais e autoridades políticas. Segundo o autor, existe uma mediação midiática sobre como os movimentos e eventos políticos são retratados na grande mídia que, na atualidade, se conecta com as redes digitais. Nesse sentido, a

---

<sup>9</sup> Ruud Koopmans é sociólogo e cientista político holandês, com pesquisas na política atual. Atua como professor na Universidade Humboldt de Berlim.

arte digital e a militância *online* emergem como espaços cruciais para a visibilidade de movimentos sociais. Embora Koopmans aponte que a colaboração entre movimentos sociais e redes digitais nem sempre leve à subversão do *status quo*, ele reconhece que, em sociedades democráticas, as redes digitais oferecem uma plataforma para que alguns agentes se tornem visíveis e, assim, possam gerar ressonância social e dar espaço a pautas sociais relevantes (Koopmans, 2004). Inúmeros são os exemplos de como as reverberações nas redes influenciam decisões políticas como: a derrota do projeto de lei que previa pena maior para quem abortasse do que para seu estuprador; o recuo no projeto que possibilita a privatização de áreas de marinha; bem como o fôlego que ganhou o debate da redução dos dias das jornadas de trabalho.

Por essa perspectiva, as ações artísticas digitais podem ser pensadas não apenas como instrumento de visibilidade e fomento de movimentos sociais, mas também podem contribuir para repensar as próprias formas da militância na era digital. Na qual a arte que combate a barbárie teria papel ativo na mudança ao agir em campos diferentes de diálogo, englobando elementos sensoriais, emocionais, narrativos, entre outros, o que modificaria a *práxis* da militância.

## **5 Conclusão ou um convite para as trincheiras**

A conceituação acadêmica, com suas metodologias e ritmo próprios, tende a ter um caminho mais demorado e reflexivo, diferente das práticas que navegam por campos mais intuitivos e experimentais. Hoje, ao conseguir refletir teoricamente sobre o que desenvolvi, reconheço com mais clareza as possibilidades de ação da militância cênica digital. Com essa compreensão, consigo articular essas experiências de forma mais generosa, contribuindo com pistas claras para aqueles que desejam explorar caminhos semelhantes. Essa reflexão não apenas enriquece minha própria prática, mas também contribui para a construção de um espaço coletivo de aprendizado e criação no campo da resistência política. O processo criativo e reflexivo, desenvolvido por meio da cena virtual, abre um convite para a ação militante na qual o mapeamento do contexto apresenta pontos em que a arte teria terrenos vantajosos de ação e a expressão artística poderia ser agente ativo nas mudanças sociais e políticas.

Em última análise, é importante ressaltar que os grandes marcos civilizatórios demandam o empenho de gerações inteiras dedicadas a buscar alternativas e soluções para os problemas que nos afligem. Além disso, esses avanços muitas vezes dependem de eventos ou circunstâncias que escapam do controle dos movimentos sociais e políticos, acontecimentos catalisadores que têm o poder de mobilizar e impulsionar as forças de mudança social. Para que possamos aproveitar essas oportunidades, é fundamental que estejamos organizados e preparados para quando esses gatilhos de mudança ocorrerem, pois nossas chances de inverter situações adversas e promover transformações duradouras serão significativamente maiores. No caso, nas visões de mundos que, nos movimentos de extrema direita, são caracterizados por divisões e desigualdades excludentes.



Por isso, são imperativos esforços coletivos para que as visões de mundos partilhados por todes prevaleçam em relação às de mundos divididos. Então, vamos em frente! Seguimos juntos!



## Referências

- EMPOLI, Giuliano da. *Os engenheiros do caos*. Rio de Janeiro: Editora Vestígio, 2020.
- FASCISMO explicado (por quem entende). Atila Iamarino entrevista Jason Stanley. [S. l.]: Atila Iamarino, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5EKXzhJh2As> . Acesso em: 14 abr. 2025.
- GREG News. Gregório Duvivier. HBO Brasil: São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.max.com/br/pt/shows/greg-news-com-gregorio-duvivier/722f1c46-01f8-48f7-8936-26c4f2d61dc7> . Acesso em: 14 abr. 2025.
- KOOPMANS, Rudd. *Movements and media: Selection processes and evolutionary dynamics in the public sphere*. *Theory and Society*, [s. l.], v. 33, p. 367-391, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1023/B:RYSO.0000038603.34963.de> . Acesso em: 14 abr. 2025.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MEDO e Delírio em Brasília. Pedro Daltro e Cristiano Botafogo. Central 3: Brasília, 2025. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4GTrddwqYaFDOuNUPcsRaX>. Acesso em: 21 out. 2024.
- MELENDI, Maria Angélica. *Estratégias da arte em uma era de catástrofes*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017.
- METEORO BRASIL. *Tudo o que você precisou desaprender para virar um idiota*. São Paulo: Planeta, 2019.
- MISTERO buffo. Peça teatral por Dario Fo. RAI: Roma, 1977. Disponível em: <https://www.teche.rai.it/2017/04/40-anni-mistero-buffo/> . Acesso em: 14 abr. 2025.
- MIZUTANI, Luciana. #castigo #ti #inferno #fy, [s. l.], 2022a. TikTok: @lucianamizutani. Disponível em: [https://www.tiktok.com/@lu\\_mizu/video/7156964252253703429](https://www.tiktok.com/@lu_mizu/video/7156964252253703429) Acesso em: 23 abr. 2025.
- MIZUTANI, Luciana. #fuga #italia #eua #bozo #mudanca #gregnews, [s. l.], 2022b. Disponível em: [https://www.tiktok.com/@lu\\_mizu/video/7165225728672288005](https://www.tiktok.com/@lu_mizu/video/7165225728672288005) . Acesso em: 23 abr. 2025.
- SOUZA, Jessé. *A classe média no espelho: Sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.
- STANLEY, Jason. *Como Funciona o Fascismo: a Política do “nós” e “eles”*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Leya, 2018.
- THE BRAINWASHING of My Dad. Direção: Jen Senko. Estados Unidos: Gravitas Ventures, 2015.



**Biografia acadêmica**

Luciana Mizutani - Institute for Psychoacoustics and Eletronic Music (IPEM)  
Pós doutoranda, Institute for Psychoacoustics and Eletronic Music (IPEM), Department of Art  
History, Musicology and Theatre Studies, Gante, Flandres Oriental, Bélgica.  
E-mail: [lumizu@gmail.com](mailto:lumizu@gmail.com)

**Financiamento**

CNPq, Fapesp e CAPES

**Aprovação em comitê de ética**

Não se aplica

**Conflito de interesse**

Nenhum conflito de interesse declarado

**Contexto da pesquisa**

Não declarado

**Direitos autorais**

Luciana Mizutani

**Contribuição de autoria (CRediT)**

Não se aplica

**Licenciamento**

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons 4.0  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br>

**Modalidade de avaliação**

Avaliação Duplo Cego

**Editores responsáveis**

Christina Fornaciari  
Júlia Guimarães  
Júlia Morena Costa  
Juliana Coelho  
Raquel Castro  
Thálita Motta

**Histórico de avaliação**

Data de submissão: 19 novembro 2024  
Data de aprovação: 24 março 2025